

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Pedagogia Simbólica Junguiana
1º Ano
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
3º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
6º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Resumo da 28ª Aula: 22.10.2015

Boa noite a todos. Hoje é a nossa 28ª aula, na qual continuaremos o estudo da vivência da sexta-fase da vida, com uma atenção especial ao desapego de dominância patriarcal na passagem da quinta para a sexta fase na dimensão individual e no período mitológico do início de nossa era. Em todas as passagens das fases arquetípicas são ativados os Arquétipos do Herói e da Morte, mas estes arquétipos estão especialmente presentes no Mito Cristão, com o tema da jornada heroica, com a morte e a ressurreição.

Nossa referência hoje será o Mito Cristão ilustrado pela vida de Jesus, no filme *Jesus de Nazaré*, de Franco Zeffirelli (1977).

O Arquétipo do Herói é ativado em todas as situações existenciais em que o Ego individual ou coletivo se depara com um desafio extraordinário, que requer o desempenho de uma grande missão (vida) e um grande desapego do que deve ser ultrapassado (morte). Essas situações trazem uma grande transformação de Ego que frequentemente pode ser compreendida pelo tema da morte e da transformação.

Criei o conceito do Arquétipo da Vida e da Morte, para expressar a inseparabilidade desses dois grandes polos do desenvolvimento. Meu conceito inspirou-se em Sabina Spielhein que, com seu artigo “A Destruição como Causa da Transformação” (1912), descreveu que os gametas masculino e feminino morrem na fecundação que forma o ovo e dá origem à vida. Seu artigo foi influenciado e influenciou a obra “Símbolos de Transformações”, de Jung (1912) e, posteriormente, influenciou também a obra de Freud “Além do Princípio do Prazer” (1920), baseada no conflito entre o Instinto de Vida e o Instinto de Morte.

Desta maneira, vemos que Freud, manteve a posição polarizada patriarcal, como fez na maior parte de sua obra, e separou radicalmente as pulsões de vida e de morte. Jung, por sua vez, como em grande parte de sua obra, adotou a posição dialética de alteridade, como também fez Sabina Spilhein, e interpretou a morte simbolicamente, podendo tanto significar a morte literal como a morte simbólica que traz a transformação e, por conseguinte, desempenha um papel criativo no processo de individuação.

A Psicologia Simbólica Junguiana reuniu essas duas perspectivas e, para expressá-las, concebeu o Arquétipo da Vida e da Morte. Dentro dessa perspectiva, a Vida e a Morte interagem dialeticamente, como pensaram Sabina e Jung. Do início ao fim do processo de desenvolvimento, a vida traz o crescimento e a adaptação criativa do organismo, mas para transcender as grandes etapas arquetípicas, ela deve submeter-se à função estruturante do sacrifício e da morte, para renascer transformada.

Como vemos no gráfico 1, (as sete etapas da vida), assim ocorre no nascimento, depois, na primeira infância, com a aquisição da locomoção, do controle esfinteriano, e da fala (2a) , na segunda infância, com o progresso da fala e o início da socialização dentro da família, (2 aos 12 anos), com a adolescência pela ocorrência da puberdade e a construção da socialização fora da família (12 aos 20 anos), com a passagem para a vida adulta, expressa pelo desempenho profissional, a formação de uma nova família e o desempenho parental (21 aos 40 anos), com a maturidade e a diferenciação da individualidade única (41 aos 60 anos), e finalmente com o desapego do corpo físico, da família e da sociedade, para vivenciar a transição do corpo físico para o corpo cósmico na vivência da morte e do renascimento para a vida eterna (60 anos em diante).

Em todas essas etapas, o Arquétipo da Vida e da Morte relaciona dialética e criativamente a vida e a morte com o Arquétipo do Herói, que reforça o Ego para enfrentar esses grandes desafios e com a função estruturante ou Arquétipo do Sacrifício, que entrega à morte o que passou em troca da nova vida.

As neurociências fazem parte da Psicologia Simbólica Junguiana e confirmam plenamente que a vida e a morte formam um arquétipo, que faz parte do Arquétipo Central. Como podemos ver no livro *Molecular Biology of the Cell*, que é uma verdadeira bíblia da biologia molecular (Alberts, Bruce e outros. New York: Garland Science, 2008), a morte celular é parte do funcionamento normal do organismo. Num ser humano adulto normal, milhões de células morrem por hora, na medula óssea e no intestino. A apoptose (morte celular) é a forma mais comum de se exercer a morte programada das células, que são verdadeiros suicídios. Isto pode ocorrer devido a ferimentos, doenças ou até

normalmente para manter o equilíbrio entre as células vivas e o funcionamento normal do organismo. Os glóbulos brancos neutrófilos, que combatem as infecções, por exemplo, morrem em grande número dentro da medula óssea. Um número extraordinário deles morre alguns dias depois de nascer, por apoptose, sem jamais ter feito nada, com a única finalidade de manter esses “soldados do corpo” sempre jovens e prontos para a luta contra as infecções. E assim por diante (*Molecular Biology of the Cell*, cap. 18).

O Mito Cristão é um mito no qual o Arquétipo do Herói e o Arquétipo do Sacrifício são muito ativados para conseguir a passagem da dominância patriarcal no Self Cultural (correspondente à quinta fase da vida no Self Individual) para a dominância de alteridade (correspondente à sexta fase da vida). Esse mito é de extraordinária importância na história da civilização, a ponto de estabelecer a passagem do Velho Testamento (dominância patriarcal, centralizada no poder) para o Novo Testamento (dominância de alteridade, centralizada na compaixão) na Santíssima Trindade.

Dentro da Teoria Arquetípica da História, concebida pela Psicologia Simbólica Junguiana a partir da obra de Erich Neumann, vemos que o Mito Cristão ativado pela mensagem profética de Jesus no início de nossa Era (0-33 AD), integrou na Consciência coletiva durante os dois últimos milênios, a posição quaternária dialética de alteridade. Foi ela que deu origem à busca da interação social dentro do ideal de liberdade, igualdade e fraternidade do socialismo democrático, à interação sujeito e objeto na busca da verdade, que foi a raiz do método experimental e das ciências modernas, à relação de sustentabilidade na economia e na ecologia, enfim, ao que há de mais criativo no humanismo ocidental.

O Mito do Herói no Cristianismo tem muitas características iguais e muito diferentes dos mitos heróicos patriarcais, como, por exemplo, na Mitologia Grega, Germânica ou Assírio-Babilônica. Em todos eles, o nascimento do herói é milagroso, seu pai é dual, sua vinda é revolucionária e ameaçadora e, por isso, ele é ameaçado de morte ao nascer. No entanto, o herói patriarcal geralmente está a serviço de uma missão subordinada ao poder, pela qual ele luta, mata e geralmente morre, enquanto que o herói da alteridade, por seu lado, está a serviço de uma missão de transformação espiritual subordinada ao amor e à compaixão, como é o caso de Cristo, Buda e Krishna.

Como muitos outros mitos do herói, o herói messiânico cristão é anunciado milagrosamente, ou seja, contrariando as leis naturais. Como ele é destinado a mudar a consciência coletiva e o poder tradicional vigente, o nascimento do herói é considerado ameaçador e, por isso, ele é frequentemente perseguido para ser morto. É o que o Rei

Herodes, representante da ocupação romana, tenta fazer com a matança das crianças até dois anos, na cidade de Belém, episódio esse que é relatado no Novo Testamento como o “Massacre dos Inocentes”. Frequentemente, por sincronicidade, há sinais cósmicos, como no caso da estrela (possivelmente Vênus), que guiou os três reis magos para o nascimento de Jesus.

A concepção de Maria como virgem e toda a mitologia da Virgem Maria que se desenvolveu dentro do Cristianismo é um exemplo da hipostasia, concretização ou literalização de aspectos simbólicos dos mitos, que comumente ocorre nas culturas. No caso, Maria é virgem espiritualmente porque ela vai receber por mediunidade ou revelação mística, a vivência de que Jesus será a encarnação histórica do Messias. A transformação dessa virgindade milagrosa espiritual numa virgindade física, geralmente feita no Cristianismo, limita muito a compreensão do processo religioso que foi sua vida como mãe do Messias.

O Mito Cristão se desenrola na história de Israel durante a ocupação romana. Ele emerge dentro da tradição mística judaica da vinda do Messias, anunciada por muitos profetas, inclusive por Isaías, cujo texto Jesus lerá na sinagoga, na passagem do filme em que Jesus se declara o Messias e é expulso da Sinagoga e quase apedrejado como blasfemador. A principal discrepância entre Jesus, como herói da alteridade, e as expectativas dos israelitas oprimidos por Roma era que, dentro do contexto patriarcal do Velho Testamento, o Messias seria um herói patriarcal, que continuaria a glória dos grandes reis de Israel, como Davi e Salomão. Nesse sentido, o filho de um humilde carpinteiro (José), nascido numa manjedoura ao lado de um boi e de um jumento, em condições de extrema pobreza e humildade, para abençoar os humildes, perseguidos e abandonados, (Sermão da Montanha), é em tudo diferente do grande general aguardado em fausto, para guerrear e milagrosamente derrotar Roma, como Davi fez com Golias. Essa rebelião de natureza patriarcal ocorreu no ano 70 AD, quando os israelitas se rebelaram em luta armada contra a ocupação romana. Eles foram aniquilados e o Templo de Jerusalém destruído, o que deu origem à diáspora dos judeus espalhados pelo mundo, até voltarem para a Palestina em 1948, quase dois mil anos depois.

A diferença entre o Messias de Alteridade representado por Jesus e o Messias guerreiro patriarcal, foi um dos principais fatores de Jesus ser considerado um blasfemador e entregue pelo Sinédrio às autoridades romanas para ser crucificado na Páscoa, entre dois ladrões.

Jesus repetidamente pregou a Boa Nova do Messias, para as pessoas se arrependem do pecado e buscarem a salvação. Isso não se refere aos pecados habituais, mas, possivelmente, ao grande pecado da humanidade que adotou o padrão patriarcal e transformou Jesus no Messias, no carneiro sacrificial que veio morrer para redimir a humanidade desse pecado.

Do ponto de vista simbólico e arquetípico, a implantação da alteridade era a Boa Nova que transformou a relação patriarcal e maniqueísta com Deus num paradigma dialético entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, na Santíssima Trindade. Possivelmente, o pecado da humanidade, que Jesus veio redimir com seu sacrifício é a própria dominância do padrão patriarcal com o seu apego ao poder, aos bens materiais, às tradições inflexíveis, ao elitismo, à opressão dos fracos, humildes e oprimidos, e a formação da Sombra que a Alteridade vem confrontar, elaborar e resgatar.

Que o herói morra junto com o sacrifício da transformação que ele propõe instalar é uma ocorrência habitual nos mitos heroicos, mas por que Jesus morre na cruz para transformar a dominância patriarcal quando o que ele traz é a alteridade com a compaixão e o amor? Essa talvez seja a parte do Mito mais difícil de compreender.

Possivelmente, em assim fazendo, Jesus expôs até a última consequência, a soberba do Arquétipo Patriarcal representada tanto por Pilatos quanto pelo Sinédrio. Ao se transformar ele próprio no carneiro sacrificial, **ele assume totalmente sua identificação com a bondade, a humildade e a compaixão**, ou seja, tudo o que ele quer trazer para a humanidade em contraposição ao autoritarismo elitista da dominância patriarcal que ele quer ultrapassar.

As condições de sua morte heroica como carneiro sacrificial dão a Jesus o significado do símbolo da Ressurreição dentro da Trindade com a relação entre o Pai e o Filho, não mais autocrática como na dominância patriarcal, mas dialética e amorosa do Deus transformado pelo amor.

Compreendemos assim, que a instalação da alteridade pelo Mito Cristão, corresponde no Self Cultural à integração dos Arquétipos da Anima e do Animus na fase da maturidade do processo de individuação (41 aos 60 anos) no Self Individual.

Na nossa próxima e 29ª aula, continuaremos o estudo da ultrapassagem da dominância patriarcal em busca da alteridade e da totalidade, com o mito do Buda.

Boa noite a todos, e até quinta-feira.

Byington

PSICOLOGIA SIMBÓLICA JUNGUIANA AS SETE FASES DA VIDA

1ª FASE: Intrauterina

Arquétipo Central
Arq. Patriarcal Ativo (Self Cultural)

2ª FASE: Primeira Infância (0 - 2 Anos)

Arq. Matriarcal Passivo
Arq. Patriarcal Ativo (Self Familiar)

3ª FASE: Segunda Infância (2 - 12 Anos)

Arq. Matriarcal Passivo
Arq. Patriarcal Passivo
Arq. do Herói Passivo

4ª FASE: Adolescência (12 – 20 Anos)

Arq. Matriarcal Ativo Inicial
Arq. Patriarcal Ativo Inicial
Arq. Anima / Animus Passivos
Arq. do Herói Passivo
Arq. de Alteridade Passivo

5ª FASE: Adulta (21 - 40 Anos)

Arq. Matriarcal Ativo
Arq. Patriarcal Ativo
Arq. Alteridade (Anima e Animus) Ativos
Arquétipo do Herói Ativo

6ª FASE: Maturidade (41 – 60 Anos)

Arq. de Alteridade Ativo
Arq. Anima e Animus Ativos

Dom. Matriarcal ←  → Dom. Patriarcal

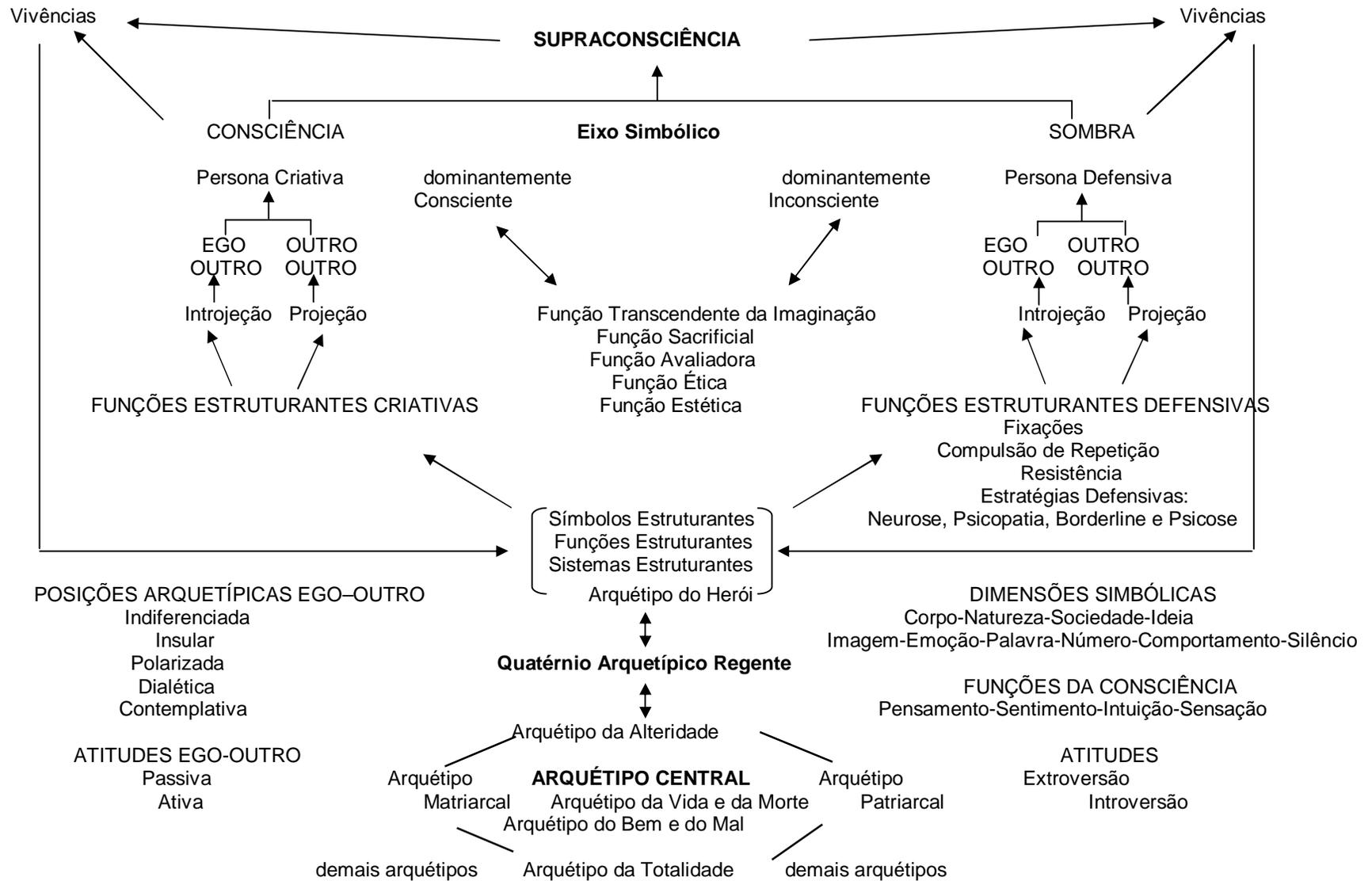
Arquétipo do Herói Ativo
Segunda Adolescência

7ª FASE: Terceira Idade (Acima dos 60 Anos)

Arquétipo da Totalidade
Desapego Existencial / Conjunção Cósmica

**O ARQUÉTIPO CENTRAL E O ARQUÉTIPO DA VIDA E DA MORTE
ESTÃO PRESENTES EM TODAS AS FASES**

PSICOLOGIA SIMBÓLICA JUNGUIANA
ESTRUTURA E DINÂMICA DO SELF
Processo de Elaboração Simbólica



**PSICOLOGIA SIMBÓLICA JUNGUIANA
ESTRUTURA E DINÂMICA DO SELF
Processo de Elaboração Simbólica**

